



#### 4. Vértices Mouseion: Olhar sobre a Documentação Museológica

Heyse Souza de Oliveira<sup>I</sup>

Estefanni Patrícia Santos Silva<sup>II</sup>

Este texto apresenta um projeto de pesquisa que será desenvolvido em um ambiente computacional para a construção de um dicionário eletrônico de termos museológicos, que será disponibilizado a estudantes e profissionais da Museologia e áreas afins. A construção do corpus terminológico será realizada através da seleção de um vocabulário integrante na área da Museologia, No que diz respeito à Documentação Museológica esta se insere em uma área denominada Museologia Aplicada ao cuidado de Acervos e processos, abrangendo: Educação Patrimonial, Patrimônio Natural, Ações Educativas e especiais em Museus entre outras.

Palavras-chave: Museologia, Dicionário e Documentação.

Este artículo presenta un proyecto de investigación que se desarrollarán en un entorno de computación para la construcción de un diccionario electrónico de los términos del museo, que estará disponible para estudiantes y profesionales de la museología y otras áreas relacionadas. La construcción de la terminología corpus se llevará a cabo a través de la selección de un miembro en el vocabulario de Museología, respecto a documentación museológica que sirve en una zona llamada de atención Aplicada Museología de las colecciones y los procesos, que incluyen: educación, el patrimonio natural, Actividades educativas en los museos y especiales, entre otros.

Palabras clave: Museología, Dicionario y Documentación.

Como intuito de promover, através das pesquisas voltadas aos termos técnicos utilizados no vocabulário de alunos, profissionais da museologia e áreas afins, à criação de um dicionário eletrônico bilíngue português e inglês, o Vértices Mouseion é o título de um projeto voltado à propagação dos termos que permeiam a área museológica. Assim, o futuro trabalho visa comunicar à terminologia que circunda a museologia, propondo acessibilidade aos estudantes e demais profissionais que se integram e procuram compreender a linguagem, bem como,



promover uma estabilidade nos significados que são atribuídos aos termos pelas pessoas que possuem contato direto com as palavras que constarão no dicionário.

### **Documentação museológica**

Neste futuro trabalho, serão analisadas diversas disciplinas técnicas que estão embutidas na área museal, sendo neste trabalho abordado, a documentação Museológica onde se insere em uma área mais ampla denominada Museologia Aplicada ao cuidado de Acervos e processos, desdobrando-se em temas que perpassam, o Patrimônio Natural, a Educação Patrimonial, Ações Educativas em Museus, Avaliação de Público e Educação Especial em Museus. Ao defini-la, Helena Dodd Ferrez menciona:

Adocumentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento.<sup>III</sup>

Vendo o objeto museológico enquanto um legado cultural, analisa-se que o registro feito sobre algum objeto,<sup>IV</sup> salvaguarda a identidade cultural de uma etnia que confeccionou o objeto, transformando-o em um bem cultural, a partir de observações sobre a memória que o circunda, sendo posteriormente suscetível a exposições onde passarão pelo processo de interpretação pelo público, através das decodificações, dos símbolos de representações, tornando-se o testemunho de um determinado contexto. Passando por este processo de preservação, uma vez que está presente em um espaço museológico, o objeto passa por etapas valorativas uma vez que os seus dados estão catalogados e com pesquisas sólidas por conter informações, por comunicar um fato e por ser preservado à medida que outras gerações também o usufruam.

A importância da documentação de um objeto numa instituição ou numa pesquisa é cada vez mais pensada. Através dos registros contidos nestes, os dados explicam o tempo em que o acervo foi fabricado, sua forma de aquisição, o doador, se obteve interferências,<sup>V</sup> os empréstimos que foram realizados da peça, as participações do mesmo em exposições, entre outras informações relevantes que serão discriminadas em seus registros. Sendo assim o



objeto por ser considerado único e cultural, traz consigo uma memória, uma informação que será mantida pelos gestores do ambiente em que o circunda.

Existe uma preocupação que permeia os que trabalham nesta área: o deslocamento do objeto. Quando retirado de sua origem, o acervo é alvo de descontextualização, que ao chegar numa instituição, por exemplo, viabiliza novas lógicas e critérios, passando neste caso por uma situação delicada, mas para que equívocos não sejam registrados sobre tal, é necessário que haja uma embasada documentação, onde constantemente esteja sendo pesquisada a fim de contextualizá-lo para informá-lo com uma comunicação mais verídica possível.

Por isto, que em algumas instituições culturais existe o setor de Documentação Museológica, onde historiadores, museólogos, antropólogos, entre outros profissionais, são os responsáveis por fazerem as pesquisas sobre os objetos com a finalidade de descobrir novas informações sobre o mesmo e para torná-lo um veículo de dinamização sócio-cultural. Diante da relevância das informações que cada objeto obtém e que através das pesquisas são comunicadas, Ferrez escreve:

Elas nos permitem conhecer os contextos nos quais os objetos existiram, funcionaram e adquiriram significado e geralmente são fornecidas quando da entrada dos objetos no museu e/ou através das fontes bibliográficos e documentais existentes.<sup>VI</sup>

Ao ser coletado, recebido, guardando o objeto deve ser não somente descrito mais analisados por sua matriz tridimensional, necessitando de observações sobre o espaço onde estava inserido<sup>VII</sup>, a documentação constante<sup>VIII</sup> e o diálogo sobre a perda de informações primárias a respeito do objeto (em alguns, têm informações de suas primeiras características que não são recuperadas).

No sistema de Documentação Museológica, os objetivos destes sistemas de recuperação consistem em: conservar os itens da coleção, maximizar o acesso e o uso de informações contidas nestes. A função torna-se estabelecer contato efetivo entre as fontes de informação (itens) e os usuários, transformando suas estruturas cognitivas ou os conjuntos em conhecimento sistematizado. Entre os componentes processuais há: Entrada – seleção e aquisição; Organização e Controle – registro, número de identificação, armazenagem, catalogação, indexação; Saídas- recuperação e disseminação.<sup>IX</sup>



Exercendo este processo, o museólogo armazena os subsídios, complementa as informações diante das fontes documentais e iconográficas e torna-o acessível aos usuários em pesquisá-lo e utilizá-lo em exposições, por exemplo.

Os objetos assim, quando guardados ou expostos, são resultados do meio social que o utilizam por variados motivos: afeto, admiração, colecionismo, exibição, entre outros. Ao identificá-lo e armazená-lo, o indivíduo mostra uma série de interesses sobre o objeto, trazendo assim, ao futuro, recordações de acontecimentos que poderão ser salvaguardados em espaços de memória, como um museu. Como diz Vinos Sofka:

Desejamos saber que objetos coletamos e por que. Desejamos saber em que medida nossos objetos relacionam-se entre si e, mais que tudo, com o mundo à nossa volta-natureza e humanidade. E desejamos difundir o conhecimento que adquirimos examinando os nossos objetos. Desta forma, estaremos aptos a colocar os resultados de nossas pesquisas à disposição da comunidade.<sup>X</sup>

Ao citar estas expectativas, Sofka salienta a importância da pesquisa sobre o objeto. Quando se possui um objeto com intimidade e valor, examinam-se com precisão, procurando relacioná-lo com a sociedade, o uso e a utilidade que o mesmo possui sobre o meio social. Identificando a peça, armazenando-o, analisando-o, recuperando-o e disseminando a informação contida nele, o resultado será torná-lo um índice de um acontecimento, sendo que estes são objetos da memória social. Todos os objetos são passíveis de decodificações, e estes mesmo trazem consigo informações registradas através do tempo (a sua estrutura), que diante das constantes pesquisas realizadas pela equipe responsável, poderão ser passadas de forma clara e exata aos que procuram obter conhecimentos sobre o mesmo.

### **Educação especial em museus e acessibilidade**

Já no que diz respeito à educação especial<sup>XI</sup> em museus, o Vértas Mouseion servirá como uma ferramenta de auxílio que facilitará os estudos e a compreensão dos verbetes<sup>XII</sup> por usuários que possuem deficiências.<sup>XIII</sup> Visto que de acordo com dados estáticos do IBGE apurados no ano de 2005 no Brasil 14,5 % da população são portadores de deficiência, onde que os resultados do Censo 2000 demonstram que, aproximadamente, 24,6 milhões de



peçoas, ou 14,5% da população total, apresentaram algum tipo de incapacidade ou deficiência. São peçoas com deficiências físicas, mentais, auditivas ou visuais sendo que entre 16,6 milhões de peçoas com algum grau de deficiência visual, quase 150 mil se declararam cegos. Já entre os 5,7 milhões de brasileiros com algum grau de deficiência auditiva, um pouco menos de 170 mil se declararam surdos.

Observando estes dados percebemos a importância da implementação de uma política pública no ambiente computacional que terá como objetivo não somente a difusão do conhecimento na área da museologia, mas também obterá a iniciativa de promover a inclusão social, atuando como agente de conhecimento e fruição do patrimônio histórico, reafirmação da identidade cultural de um indivíduo independente de suas diferenças. Assim de acordo com Amanda Pinto tojal:

Sabendo que os bens culturais são produtos do conhecimento, o principal obstáculo à fruição das diferentes manifestações culturais é de natureza simbólica, isto é, um código que necessita de uma alfabetização para ser reconhecido ou revelado. Sendo assim, cabem as políticas públicas prever investimentos para a ampliação do repertório cultural dos mais diversos setores da população. Investimentos estes que só serão viabilizados com órgãos educacionais como também com outras instituições públicas e privadas.<sup>XIV</sup>

No que diz respeito à Educação especial<sup>XV</sup> em museus, o Vértices Museion servirá como uma ferramenta de auxílio que facilitará o estudo e a compreensão dos verbetes<sup>XVI</sup> por usuários que possuem deficiências,<sup>XVII</sup> uma vez que terá recursos audio-visuais seguindo a premissa do DOSVOX.<sup>XVIII</sup>

A quebra de barreiras para deficientes visuais e auditivos com a disponibilização do recurso audiovisual com imagens de objetos e acervos dos verbetes em 3D, vídeos e fotografias permitirá que estes indivíduos usufruam de um ambiente apto para as suas necessidades, já que de acordo com a autora Liana Ocampo há relatos que são muito poucos dos deficientes visuais a atingir uma formação universitária, em função das necessidades especiais e da dependência de leitura. A eliminação de barreiras sensoriais cabe também às instituições museais adequadas a nova museologia, para enquadrarem o museu como agente de desenvolvimento social, a democratização do conhecimento e informação treinando e capacitando seus profissionais. Assim facilitando o acesso de peçoas com deficiência para os



museus e centros culturais, por meio de ações equitativas, no entanto proporcionando a inclusão.

Assim a implementação da acessibilidade que segundo a ABNT, diz respeito á possibilidade e condição de alcance, percepção e entendimento para a utilização com segurança e autonomia de edificações, espaço, mobiliário, equipamentos urbanos e elementos, no que diz respeito à museologia, não abrangem apenas ao acesso físico das edificações, mas também há aspectos atitudinais, cognitivos e sociais. Dando ao museu condições para cumprir com o seu papel social de fazer o seu espaço acessível a todos os tipos visitantes. Adotando-se um padrão inclusivo para a política cultural de uma instituição, levando em conta a necessidade redimensionamento das praticas museológicas da instituição, que segundo Aidar:

Mostra claramente a adoção de um posicionamento critico em relação a elas. O que significa não torná-las como dadas ou neutras mesmos aquelas que costumam ser consideradas assim, como documentação e conservação. Paralelamente, os museus deveriam promover uma democratização interna, evitando as rígidas hierarquias de poder e permitindo que diversos setores da profissão e do público participem e tenham voz nos processos de tomadas de decisões.<sup>XIX</sup>

Desta forma, ao pensarmos sobre a linguagem específica que compreende a área da Educação especial em Museus, elencamos um quantitativo de termos de uso cotidiano, em sua maioria palavras compostas, como: acessibilidade expográfica, públicos especiais, ação educativa inclusiva, educação não formal, território da diversidade, saúde e educação, barreiras de acesso, percursos multisensoriais, exposição interativa, atividades lúdico-práticas, objeto texturizado, jogos sensoriais, maquetes articuladas, obras bi ou tridimensionais, área de aproximação, área de resgate, área de transferência, calçada rebaixada, faixa elevada, pessoa com mobilidade reduzida, piso cromo-diferenciado, piso tátil, rampa, tecnologia assistiva, plataformas elevatórias, dentre outros.<sup>XX</sup>

Para um demonstração simples da perspectiva do projeto, o verbete Piso Tátil é encontrado de forma desconectada em ordem alfabética no Minidicionário Aurélio, primeiro como piso [sm.1.Modos de andar. 2. Terreno em que se anda. 3. V. Pavimento (1)] e segundo como tátil ou táctil [adj2g.1.Relativo ao tato. 2. Que pode ser tateado]. Já nas Normas da ABNT, o termo aparece composto definido como “Piso caracterizado pela diferenciação de



textura em relação ao piso adjacente, destinado a constituir alerta ou linha guia, perceptível por pessoas com deficiência visual”<sup>XXI</sup>.

No verbete do *Véritas Mouseion*, serão realizadas entrevistas com museólogos, funcionários de instituições museais, deficientes e representantes de organizações/associações de deficientes que irão atribuir definições aos termos. A partir da coleta de três significados do mesmo termo, essas serão sintetizadas em uma, homogeneizando seu uso, anexando filmagem das entrevistas, imagem relacionada ao conceito (algumas em 3D), leitura vocal, tradução português-inglês, referência do verbete (entrevistados, organizador e leituras para aprofundamento no tema).

## Conclusão

Com isto, o *Véritas Mouseion* apresenta um trabalho de pesquisa que será finalizado com a elaboração de um dicionário de termos museológicos, que tem como um de seus objetivos assegurar a igualdade entre as pessoas, reconhecendo as suas diferenças e necessidades, permitindo desta forma o direito, o acesso a informação e a igualdade a todos.

## Notas

<sup>I</sup> Graduanda em Museologia pela UFS – PIIC/ E-mail: [heysesouza@hotmail.com](mailto:heysesouza@hotmail.com)

<sup>II</sup> Graduanda em Museologia pela UFS – PIXVOL/ E-mail: [estefanni.p@gmail.com](mailto:estefanni.p@gmail.com) . Orientadora Dra. Janaína Cardoso de Mello/ Professora do núcleo de Museologia e do Mestrado em Arqueologia pela UFS/ E-mail: [janainamello@uol.com.br](mailto:janainamello@uol.com.br) .

<sup>III</sup> FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. Caderno de Ensaios, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65 a 74.

<sup>IV</sup> Quando assim é mencionado, compreende-se não somente peças, mas documentos, plumagens, enfim, os chamados objetos museológicos;

<sup>V</sup> O termo interferência na área significa se houve restaurações, reparos, que tenham interferido diretamente nos seus elementos antecessores.

<sup>VI</sup> FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia. Caderno de Ensaios, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.66.

<sup>VII</sup> Isto explicará, como elenca Mensch a: Produção, uso, manutenção, preservação, pesquisa e a comunicação do objeto.



<sup>viii</sup> Esta etapa não possui um término, pois o objeto possui “vida” e devido a isto passará por modificações empréstimos que terão sua passagem pela documentação.

<sup>ix</sup> Estes parâmetros sistemáticos são elencados por FERREZ em Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática, página 68.

<sup>x</sup> SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Museologia e Patrimônio- vol.II no 1 - jan/jun de 2009, p.81.

<sup>xi</sup> Tem sido uma área destinada a desenvolver estudos científicos, com o objetivo de atender melhor as pessoas portadoras de deficiência, abrangendo as necessidades comportamentais, emocionais ou sociais.

<sup>xii</sup> Verbete compreende ao texto ou entrada de um dicionário, enciclopédia ou obra.

<sup>xiii</sup> Deficiência é o termo utilizado para relatar a ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, filosófica ou anatômica. sendo estas físicas, motoras ,mentais ,auditivas e visuais.

<sup>xiv</sup> SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. Museologia e Patrimônio- vol.II no 1 - jan/jun de 2009, p.80.

<sup>xv</sup> Compreendida como uma área destinada a desenvolver estudos científicos, com o objetivo de atender melhor as pessoas portadoras de deficiência ,abrangendo necessidades comportamentais, emocionais ou sociais.

<sup>xvi</sup> Verbete compreende ao texto ou entrada de um dicionário, enciclopédia ou obra.

<sup>xvii</sup> Deficiência é o termo utilizado para relatar a ausência ou disfunção de uma estrutura psíquica, filosófica ou anatômica, sendo estas físicas, motoras, mentais, auditivas e visuais.

<sup>xviii</sup> O DOSVOX é um sistema computacional, baseado no uso intensivo de síntese de voz, desenvolvido pelo Núcleo de Computação Eletrônica (NCE) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que se destina a facilitar o acesso de deficientes visuais a microcomputadores. Através de seu uso é possível observar um aumento muito significativo no índice de independência e motivação das pessoas com deficiência visual, tanto no estudo, trabalho ou interação com outras pessoas. Atualmente o projeto conta com mais de 20.000 usuários espalhados pelo Brasil, Portugal e América Latina.

<sup>xix</sup> AIDAR, Gabriela. Museus e Inclusão Social. In: Revista Ciências e Letras: Patrimônio e Educação. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2002, nº 31.p.60.

<sup>xx</sup> ABNT-NBR 9050:2004-Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Associação brasileira de normas técnicas(ABNT), 2º Ed, 2004. disponível em: <[http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas\\_abnt.asp](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas_abnt.asp)> (Acesso em: 10/11/2011)

<sup>xxi</sup> ABNT-NBR 9050:2004-Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. Associação brasileira de normas técnicas(ABNT), 2º Ed, 2004. disponível em: <[http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas\\_abnt.asp](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas_abnt.asp)> (Acesso em: 10/11/2011)

## Referências bibliográficas





ABNT-NBR 9050:2004-Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos. **Associação brasileira de normas técnicas (ABNT)**, 2º Ed, 2004. disponível em: <[http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas\\_abnt.asp](http://www.mj.gov.br/sedh/ct/corde/dpdh/corde/normas_abnt.asp)> (Acesso em: 10/11/2011)

AIDAR, Gabriela. Museus e Inclusão Social. In: **Revista Ciências e Letras: Patrimônio e Educação**. Porto Alegre: Faculdade Porto Alegrense de Educação, Ciências e Letras, 2002, nº 31.

CÂNDIDO, Maria Inês. Documentação museológica. In: **Caderno de diretrizes Museológicas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/Superintendência de Museus, 2006, pp.34-79.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

FERREZ, Helena Dodd. **Documentação Museológica: Teoria para uma Boa Prática. Estudos de Museologia**. Caderno de Ensaio, n.2. Rio de Janeiro: MINC/IPHAN, 1994, p.65 a 74.

IBGE. Dados estatísticos do IBGE, disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=438&id\\_pagina=1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=438&id_pagina=1). (Acesso em: 10/11/2011).

MAURE, Marc. La nouvelle museologie - qu'est-ce que c'est? In: [ANNUAL CONFERENCE OF THE INTERNATIONAL COMMITTEE FOR MUSEOLOGY/ICOFOM (17)]. Symposium Museum and Community II. Stavanger, Noruega, jul. 1995. pp.127-132.

MOUTINHO, Mácio Canova. A construção do objeto museológico. **Caderno de Museologia**. Lisboa: ULHT, 1994.

NORMA BRASILEIRA, ABNT-NBR 9050:2004-Acessibilidade a edificações, mobiliário. **Espaços e equipamentos urbanos**. Associação brasileira de normas técnicas (ABNT), Rio de Janeiro, 2ª edição. 2004, p.03.

OCAMPO, Teresa R. Lima. Dissertação de mestrado: **Os cegos e os museus: a utilização do museu como espaço educacional para deficientes visuais**. Rio de Janeiro, 1987. p.79.

SILVA, Estefanni Patricia Santos. **O que é objeto museológico?** Trabalho de graduação em Museologia. Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras\_ Se: UFS, 2010.

SOFKA, Vinos. A pesquisa no museu e sobre o museu. **Museologia e Patrimônio**- vol.II no 1 - jan/jun de 2009, p.79-84.

TOJAL, Amanda Pinto Fonseca. **Políticas públicas culturais de inclusão de públicos especiais em museus**. Tese de Doutorado, Orientadora Maria Helena Pires Martins, São Paulo, 2007.



\_\_\_\_\_. Acessibilidade, Inclusão social e Políticas Públicas: uma proposta para o Estado de São Paulo. In: BRUNO, Maria Cristina Oliveira; NEVES, Katia Regina Felipini. (Org.). **Museus como Agentes de Mudança Social e Desenvolvimento - Propostas e Reflexões Museológicas**. Sergipe: MAX - Museu de Arqueologia de Xingó, 2008, pp. 115-135.